



Gostaria de começar com uma nota pessoal, partilhando com vocês algo que se passou este ano na minha vida, e isto com um fim bem preciso. Ao abordarmos os diferentes aspectos da espiritualidade, gostaria que guardassem na memória as diversas aventuras e lutas da vida real. A única espiritualidade digna de nós e da Encarnação de Cristo é a que engloba toda a nossa vida pessoal e de casal. Não se trata de uma espiritualidade afastada da vida comum com as suas alegrias e tristezas. Vamos, pois, dar uma rápida olhadela na minha situação pessoal, já que ela me desafia a encontrar uma nova linguagem do Espírito. É também uma história verdadeira, que sugere algo para a vida conjugal.

Em março último, anunciaram-me que tinha câncer e fui submetido a uma operação, seguida de alguns meses de quimioterapia, que terminaram em novembro. As perspectivas são agora excelentes, graças a Deus. Estes meses foram abençoados por descobertas e algumas delas revelaram-se por ocasião de uma conversa. Ângela pediu-me que visitasse a sua mãe Eileen, que tinha um câncer mais avançado que o meu. Eu não tinha muita vontade de ir, mas aceitei. Logo que cheguei, deixaram-me a sós com Eileen. Depois de alguns minutos de embaraço, ela me disse: “Bem, padre, estamos ambos no mesmo barco mas o meu está fazendo mais água que o seu”. Ela pôs-me completamente à vontade. O resto da nossa conversa parecia um drama em três atos. Quando algo assim acontece, fui dizendo, estamos a sós com a nossa fragilidade. Oh, sim, disse ela, meu marido é maravilhoso mas nem tudo pode-se exprimir. Não encontra coragem no seu foro íntimo? Isso vem de Deus, disse ela. A sós, mas não só, esse foi o primeiro ato.

Acrescentei que eu também sentia uma curiosa gratidão, nestes últimos meses, pelo passado, pelos fatos de todos os dias, e pela gentileza das pessoas. Ela estava completamente de acordo. Este foi o segundo ato.

Confessei-lhe a seguir que me sentia livre em relação ao futuro, pronto para partir, se preciso fosse. Não posso partilhar isso ainda, disse Eileen; você não é casado, não tem filhos. Eu não quero deixar os meus filhos e netos. A sua honestidade era maravilhosa e eu lho disse. Rezamos um pouco antes de terminar. Eileen morreu duas semanas mais tarde.

Já que agora pretendo explorar alguns temas de espiritualidade, gostaria que guardássemos na lembrança esta situação. A espiritualidade é a forma pela qual respiramos a nossa liberdade cristã nas diversas situações da nossa vida. Não é simplesmente a “vida interior”: nenhuma expressão como esta foi pronunciada por Jesus. Mas Ele prometeu-nos que o Espírito Paráclito estaria conosco e dentro de nós para nos guiar e defender nas provações da vida. Gostaria de refletir com vocês sobre alguns aspectos específicos da espiritualidade cristã, mas reconhecemos primeiro que há numerosos caminhos espirituais são percorridos hoje em dia.

Não é preciso salientar que há diversas versões e escolas de “espiritualidade”. Uma versão ampla humanista inclui todos os caminhos da consciência pessoal em busca de um sentido para a vida. Deixem-me falar primeiro dessa espiritualidade humanista, tão atraente para a nossa cultura de hoje, e depois do horizonte mais claramente cristão que alimenta o crescimento espiritual dos membros das Equipas.

Como todos nós sabemos, “espiritualidade” é um termo em moda nestes últimos anos. Faz parte da nossa cultura pós-moderna uma sensibilidade que procura respeitar o “espiritual”,

mantendo-se um pouco alérgico à “religião” e à “Igreja institucional”. Nas palavras de uma mulher, o desejo por trás da busca espiritual é muito simples: “*queremos mais, mais do que aquilo que existe*”. Como no-lo disse o próprio Papa, esta fome pós-materialista é importante e genuína, embora precisemos identificar perigos e ambigüidades em algumas de suas expressões. Quais são os temas típicos dessa ampla forma humanista de espiritualidade? Ela acentua o nosso potencial de expansão de vida graças a uma maior atenção à consciência de nós mesmos. Oferece diferentes maneiras para integrar nosso caminho rumo à transcendência pessoal. Pode-se acusá-la de ser terapêutica e sem objetivo, mas pelo menos nos alerta contra o narcisismo e encoraja à compaixão pelos feridos deste mundo.

Deixem-me citar-lhes algumas palavras de um livro de 2002 sobre a espiritualidade popular, “*A religião da alma*” (*The soul’s religion*), de Thomas Moore, que contém raízes cristãs embora não seja explicitamente cristão. Está longe de cair na fuga da luta humana do “New Age”. Insiste no fato de a espiritualidade não alçar voo rumo a uma iluminação especial, nem procurar libertar-se da gravidade.

“É um erro esperar que a profundidade espiritual implique uma vida tranqüila...A tendência contemporânea a ver a espiritualidade como algo doce disfarça o seu poder e persuade as pessoas a considerá-la muito de leve... Como dar forma à nossa espiritualidade sem torná-la rígida?... A espiritualidade não cresce como uma flor, mas se desenvolve, pelo contrário, como um templo..graças a trabalho intenso, imaginação e habilidade”. (Thomas Moore, *The soul’s religion*, 2002 – (Citações pp. 85, 97, 242-3).

A esse propósito, um dos livros de maior sucesso em 2001 foi *The Power of now (O Poder de Agora)* de Eckart Tolle. Algumas de suas frases bastarão para nos mostrar porque ele nos seduz, mas como, de um ponto de vista cristão, é incapaz de se abrir a toda sabedoria que ultrapasse o eu .

“*Estejam conscientes de um silêncio, mas com um profundo sentido de presença. Sejam o guardião sempre atento do seu espaço interior. Avaliem tudo conforme o grau de paz que sentem em si*”. Isto é ao mesmo tempo atraente e verdadeiro mas, para um cristão, é apenas uma meia verdade porque silencia sobre a relação com a graça que está no coração da espiritualidade cristã. Se toda espiritualidade leva aos caminhos da plenitude humana, nós, cristãos, recebemos o dom do caminho único chamado Jesus Cristo. E a plenitude torna-se o que nós chamamos de santidade, ou seja, um reflexo progressivo de Deus.

Uma compreensão mais especificamente cristã não tem necessidade de excluir esses movimentos de busca profunda que vêm de tradições espirituais humanistas ou não cristãs, simplesmente porque há convergência entre “desenvolvimento autêntico humano e espiritual”(Michael Downey). Uma compreensão mais cristã da espiritualidade está enraizada na “*fé cristã vivida*” (Sandra Schneiders), nas diversas maneiras em que o mistério de Cristo é vivido pelas pessoas em sua oração e em sua existência.. A espiritualidade refere-se a toda uma gama de práticas pessoais e comunitárias, permitindo apropriar-nos, pouco a pouco, das riquezas da nossa vocação. Isso “*liga o mistério aos acontecimentos*” (Gareth Jones).

Uma espiritualidade cristã, em particular, será caracterizada pela forma que tomará em função de quatro dos principais mistérios cristãos:

1 - Será, antes de mais nada, uma relação com Deus, enraizada na primazia do amor de Deus por nós e no sentido da Trindade, não como uma doutrina distante, mas como uma revelação da própria reciprocidade de Deus que recebe e que dá. A espiritualidade dos casais unidos pelo matrimônio pode receber a sua inspiração principal da surpresa de ser amado, e da surpresa, por assim dizer, de descobrir a Trindade como uma família de amor.

2 - Será uma aventura encarnada nas realidades da vida, inspirada e acompanhada por Cristo, o Verbo encarnado de Deus. A espiritualidade conjugal encontra aqui a sua força enraizada ao ver na aventura humana da vida em comum como um todo o reflexo do abraço de Deus à humanidade em Cristo.

3 - Ela nos dará a coragem de viver provações e tragédias, confiando “ *na lei da Cruz*”, o modelo que percebemos na morte de Jesus e na sua ressurreição. Nenhuma vida conjugal transcorre sem nuvens ou lutas, algumas vezes leves, outras mais profundas e dolorosas. A coragem de viver esses tempos sombrios e de dolorosas renúncias vem da confiança e da partilha da Paixão do Senhor.

4 - Será marcada pela compaixão e cuidado pelos feridos deste mundo e também pelo perdão dado aos outros, porque são os frutos principais do Espírito, o verdadeiro artista da aventura da nossa vida. Num contexto familiar, há muitos momentos que requerem reconciliação e também um intenso chamado para abrir-nos de forma concreta ao sofrimento dos pobres e dos esquecidos. Cristo não existe verdadeiramente para nós, diz John Sobrino de El Salvador, a não ser que Ele nos incite a viver de outra maneira.

Sim, todas estas dimensões estarão enraizadas numa escuta pessoal através da oração, e essa oração será uma fonte quotidiana de conversão progressiva em meio aos acontecimentos comuns da nossa vida. Não será uma área separada para um encontro especial. Ao contrário, no encontro que é a oração podem fluir todas as alegrias e preocupações da vida e, nesse espaço de escuta, a pessoa aprende gradualmente a viver segundo o Espírito de Cristo e não segundo o seu ego e a cultura dominante deste mundo.

Uma palavra sobre a oração. Claro que a nossa espiritualidade cristã se apóia na nossa vida de oração, mas essa é maior que os tempos de silêncio que podemos dedicar a Deus na oração explícita. Rezar não deveria ser tão difícil como às vezes parece. A dificuldade real talvez resida em sentir-se preparado: “ *o essencial é estar preparado*” dizia o Hamlet de Shakespeare. Mas como disse claramente o romancista americano Walker Percy: “ *O passado e o futuro são terrivelmente fáceis, mas entrar no presente é como enfiar uma agulha*”. Ou, como Tolstoi disse num dos seus contos: “ *O presente é o vosso único momento de poder*”. Entrar neste “presente” é a chave para estarmos prontos para a oração.

Se posso preparar o meu coração para escutar, se posso criar um espaço interior de silêncio receptivo, então isso vem naturalmente. A oração é somente relaxar na revelação de hoje, na obra de artista do Espírito. É relaxar nessa primeira verdade que somos amados para progredirmos na difícil aventura de amar nas diversas situações que encontramos. Não é preciso dizer que há altos e baixos na oração. Enfrentamos diferentes estados de espírito. Por vezes, podemos estar envolvidos num amor silencioso. Noutros momentos, ficamos a lutar com uma sensação de vazio e de confusão.

Gostaria de lhes mostrar que há duas formas de oração que nos podem alimentar, e alimentar de maneira muito especial as pessoas casadas. Uma das formas é o tempo quotidiano mais pessoal e contemplativo, tempo de escuta silenciosa da palavra de Deus. À medida que os anos passam, esta oração pessoal pode tornar-se bem mais simples. Talvez precisemos de coragem para abandonar palavras e pensamentos em demasia e permanecer envolvidos na presença de Deus. Isso pode parecer um desperdício de tempo mas, na realidade, pode ser um espaço onde o coração se abre de forma diferente, bem além da auto-exortação ou da força de vontade. Segundo Guilherme de Saint Thierry, um cisterciense do século doze, “ *quando contemplamos Cristo com o coração, para além das palavras, ficamos semelhantes a Ele quase sem o perceber*”.

Um pouco dessa atenção tranqüila é possível mesmo numa vida quotidiana atarefada, mas há uma outra forma de oração mais concreta que a pode completar. Se a primeira forma é contemplativa, eu chamaria a segunda abordagem de “orientada”. Isso significa parar para dirigir um “radar” espiritual para a qualidade das nossas atitudes, e tem sido chamado, não exame de consciência, mas sim de conscientização. Tem por objetivo encontrar “*o dedo de Deus no caos aparente de cada dia*” (Donald Nicholl). É uma maneira de reconhecer os pequenos apelos do Espírito no meio de uma realidade caótica. Na prática, o que isso supõe? Na presença do Senhor, podemos ver desfilar rapidamente os acontecimentos do dia, concentrando-nos mais nas nossas disposições e respostas do que nos comportamentos externos. É aí que reside o segredo e a qualidade da nossa vida, nas atitudes interiores que dão sentido a tudo que fazemos. Este exercício de oração-radar significa tornar-nos conscientes da qualidade das nossas respostas, mesmo nas pequenas coisas do dia a dia.

Deixem-me evocar uma obra de Diego Rivera, o artista mexicano, uma pintura típica de enormes girassóis sob os quais se encontram crianças com brinquedos quebrados. Quando faço o meu radar diário, também encontro pedaços quebrados. Nesse quadro, entretanto, em cima dos cacos, estão os poderosos girassóis. Utilizando na oração o seu radar, encontrarão ambos. Encontrarão a mistura do que vocês são, e do que nós sempre somos, a mistura de fragilidade e gratidão, a mistura da nossa capacidade de destruição, que o olhar honesto do nosso radar de oração nos pode revelar rapidamente, mas, acima de tudo, dominam os girassóis. Assim, este momento de olhar sobre si envolve vulnerabilidade e admiração e pode passar do ressentimento à cura e à aceitação das realidades do dia. Praticada regularmente, esta forma de oração orientada pode ser uma fonte real de conversão progressiva. Em conjunto com a forma contemplativa, elas podem ser a base de uma espiritualidade vivida para os esposos. Como dizia Nicolau de Cusa “*Senhor, Tu me deste liberdade para que possa pertencer a mim mesmo*”. Se ele fosse casado, teria podido acrescentar “*...e possa verdadeiramente pertencer ao meu cônjuge*”.